

Recebido:	09/11/2022
Publicado:	28/05/2023

UMA CARTOGRAFIA DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE PERIFERIA: SOFRIMENTO E PRODUÇÃO DE FELICIDADE

Gabriela Toassi Britoⁱ  0000-0002-0037-3638

Universidade Paranaense - UNIPAR/Francisco Beltrão

Lenuzia Pasqualli de Jesusⁱⁱ  0000-0003-1416-0403

Universidade Paranaense - UNIPAR/Francisco Beltrão

Tatiane Pecoraroⁱⁱⁱ  0000-0001-9719-3360

Universidade Paranaense - UNIPAR/Francisco Beltrão

Renata dos Santos da Cunha^{iv}  0000-0003-4815-4060

Universidade Paranaense - UNIPAR/Francisco Beltrão

RESUMO: Esta pesquisa cartografou a realidade de mulheres que vivem em um bairro da periferia, assumindo como norteadores o sofrimento e a produção de felicidade. Parte da perspectiva teórica feminista e pós-estruturalista, na qual busca compreender os territórios existenciais em que sofrimento e felicidade emergem na vida

dessas mulheres. A pesquisa foi composta por cinco entrevistadas, residentes de um mesmo bairro, que foram escolhidas pela disponibilidade em receber as entrevistadoras em suas casas.

PALAVRAS-CHAVE: Cartografia. Mulheres. Sofrimento.

A CARTOGRAPHY OF WOMEN IN PERIPHERY SITUATION: SUFFERING AND THE PRODUCTION OF HAPPINESS

ABSTRACT: This research mapped the reality of women who live in a neighborhood on the outskirts, assuming suffering and the production of happiness as guides. Part of the feminist and post-structuralist theoretical perspective, which seeks to understand the existential territories in which suffering and happiness emerge in life of

these women crossings of life, and potentialities of the women studied, from the narrative of their life stories. The research consisted of five interviewees, residents of the same neighborhood, who were chosen for their availability to receive the interviewers in their homes.

KEYWORDS: Cartography. Women. Suffering. Happiness.

1. Introdução

Mulheres representam uma diversidade de posicionamentos, modos de existência e realidades tão distintas. Poderíamos dizer, de acordo com Butler (2003), que os processos que constituem mulheres são tão diversos quanto a quantidade de mulheres existentes no mundo. Considerando esta perspectiva, esta pesquisa pretende cartografar a realidade de mulheres em situação de periferia e investigar o sofrimento e a produção de felicidade. Utilizamos o método cartográfico conduzido por alguns temas norteadores, como a história de vida e como o sofrimento e a felicidade são engendrados em suas vidas.

As mulheres aqui descritas são atravessadas pela marginalidade e isso nos faz pensar: o que é ser mulher? Butler (2003) contesta a naturalização da ordem sexo/gênero e afirma que ser mulher não é essencialista e inerente ao sexo biológico, não é uma identidade fechada. A normatização desses lugares, tidos como padrões da sociedade, segue uma performance construída, representada e corporificada do gênero. Gênero é algo que está em mudança, não é estático. Ser mulher é, portanto, uma construção social, não se nasce mulher, aprende-se a ser, não existe uma essência feminina, aprendemos e, por fim, performamos esse gênero. Aceitar e legitimar o gênero como essencialista ocasiona uma série de aprisionamentos, como a premissa da mulher ser substancialmente delicada, ingênua e submissa.

A multiplicidade do feminino interpela também as psicologias. Existem várias Psicologias distintas e essa multiplicidade de visões promove espaço para várias abordagens e pensamentos que pensam o ser humano e seus modos de vida de uma maneira muitas vezes homogeneizada e, por vezes, simplista. Sendo assim, há dificuldade em produzir algo próprio e singular das nossas realidades brasileiras (HUR, 2013).

A desconstrução das Psicologias normativas, ou seja, aquelas que buscam normatizar e regular a vida das pessoas, tem como objetivo romper uma ciência estruturalista com leis universais, em prol de um sujeito que está em constante construção e mudança no plano de imanência. Para pautar esta pesquisa, apropriamo-nos de conceitos da Esquizoanálise, um campo de saberes criado pelo filósofo Gilles Deleuze e pelo psicanalista-militante Félix Guattari após as movimentações do maio de 1968 francês, e também dos estudos feministas e de gênero na perspectiva pós-estruturalista (HUR, 2013).

A partir da cartografia como método, cinco mulheres colaboraram com esta pesquisa. Este método compreende a relação singular do sujeito, pensado a partir da realidade objetiva e

subjetiva das mulheres da periferia, e não de uma realidade estrangeira que diz a respeito delas, como muitas psicologias o fazem.

Portanto, adotamos como objetivo desta pesquisa cartografar a realidade de mulheres na periferia de uma cidade do Paraná, considerando as potências e possibilidades de produção de felicidade. Para isso, temos como objetivos específicos identificar mulheres residentes no bairro e usuárias do serviço de saúde, conhecer a realidade em que estão inseridas, por meio de visitas domiciliares, observação e entrevista semiestruturada.

2. Fundamentação teórica

2.1 Mulher: o processo de subjetivação do feminino

Ao longo da história podemos perceber o papel da mulher sendo ocultado, ocupando uma posição construída histórica e culturalmente de um lugar de submissão, com o dever de servir e ser dócil, sendo privada do acesso à educação, direitos políticos, liberdade e economia.

Segundo Boris e Cesídio (2007), a família patriarcal era o centro da sociedade, pois desempenhava as funções de regulação da procriação, sendo tudo regido pelo homem. Do ponto de vista do patriarcado, as crianças e as mulheres apenas deviam obediência, não passando, portanto, de seres insignificantes, secundários, inábeis de autonomia e capacidade para expressar suas opiniões e desejos.

O início do século XX se mostrou decisivo para uma pequena mudança nesse cenário em que as mulheres estavam inseridas, como, por exemplo, a luta sufragista pelo direito ao voto e a conquista do acesso à educação. Entretanto, as lutas femininas não se voltam somente para a igualdade de direitos, mas para o rompimento de códigos sociais que impossibilitam a libertação do sofrimento psíquico devido à institucionalização e marginalização da figura da mulher na sociedade, incluindo seu corpo e seus desejos (BORIS; CESÍDIO, 2007).

A categoria de feminino (fêmea) e masculino (macho) é a base de representações de papéis sociais construídos socialmente e estabelece uma hierarquia entre masculino e feminino, além de uma heterossexualidade compulsória. Judith Butler, a partir de sua obra “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”, faz uma crítica à base do feminismo tradicional, que “enquadra” o ser mulher, sentir-se mulher, nos padrões biológicos de sexo. Do mesmo modo, denuncia a heteronormatividade do movimento, que muitas vezes assume a

crítica de mulheres cis, brancas e heterossexuais como causas de todas as mulheres do movimento feminista, desconsiderando e excluindo outras possibilidades.

A autora problematiza e busca desconstruir a preposição binária de gênero/sexo. Sendo assim, traz uma crítica referente à Simone de Beauvoir, que em seu livro “O Segundo Sexo” sugere que “a gente não nasce mulher, torna-se mulher”. Para a autora, o gênero é construído, podendo, em princípio, assumir outro. Em contrapartida, Butler afirma:

É o gênero tão variável e volitivo quanto parece sugerir a explicação de Beauvoir? Pode, nesse caso, a noção de “construção” reduzir-se a uma forma de escolha? Beauvoir diz claramente que a gente “se torna” mulher, mas sempre sob uma compulsão cultural a fazê-lo. E tal compulsão claramente não vem do “sexo”. Não há nada em sua explicação que garanta que o “ser” que se torna mulher seja necessariamente fêmea. Se, como afirma ela, “o corpo é uma situação”, não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais; conseqüentemente, o sexo não poderia qualificar-se como uma facticidade anatômica pré-discursiva (BUTLER, 2003, p. 27).

É perceptível que essa construção acontece desde a infância e a adolescência, quando os livros didáticos trazem, entre textos e imagens, representações históricas que constroem as mulheres como corpos dóceis, amorosos, eróticos, violáveis, servos, submissos, dependentes, maternos, irracionais, fúteis e emotivos. Articulada, assim, aos dispositivos de gênero e sexualidade, naturaliza e sustenta a inferiorização, a subordinação e as diversas formas de violência que acometem as mulheres em suas relações com os homens em nossa sociedade (STEVENS *et al.*, 2017).

Butler compreende que o poder que forja as mulheres está difuso, e a lógica sexo/gênero opera por diversos mecanismos que chamamos de dispositivos.

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode manter entre esses elementos (FOUCAULT, 1993, p. 244).

Quando se nasce mulher, criamos fantasias de como é ser mulher, ou seja, a suposição de atributos sobre o que é ser feminina, da qual se é corporificada para performatizar o gênero. Butler (2003) indaga que gênero é algo construído por meio da linguagem e exercido no corpo, tendendo a manter a heteronormatividade nessa mesma construção. O ser mulher não constitui

um fato natural, pelo contrário, constitui uma construção performativa de um sexo. Assim também é possível construir formas de resistência a essa regulação em que nossos corpos são produzidos, inventando outras possibilidades para o feminino, que emergem sempre na margem, nas fronteiras do gênero heteronormativo e sexista.

As performances são inauguradas no dia que nascemos, são modos específicos de nos comportamos e agimos. Este processo é sustentado e atualizado ao longo da nossa vida por dispositivos como o da sexualidade, o dispositivo amoroso, o dispositivo da maternidade, entre outros que atravessam em diferentes intensidades a nossa vida. Quando não correspondemos a imposição do dispositivo, nossas performances recebem um controle punitivo exercido pelos mecanismos de poder, como o preconceito e, até mesmo, a prisão e o extermínio.

2.2 Sofrimento e felicidade

Como cita Barus (2001), o sofrimento, etimologicamente falando, significa carregar, suportar ou tolerar uma dor. No entanto, cabe destacar que o sofrimento é anterior à dor e faz parte da complexidade e dinamicidade da experiência humana, pois, mesmo que não exista a dor, existirá anteriormente um sofrimento que, na maioria das vezes, demonstra um sintoma orgânico (DUTRA; REBOUÇAS, 2010).

Para Dosse (2010), o que conta é o ato prestes a se realizar, o processo em curso, inovando e liberando devires: Há mais em um movimento do que nas posições sucessivas atribuídas ao móvel, mais em um devir do que nas formas atravessadas uma a uma.

Segundo Franco (2015), na lógica spinozana, se a pessoa é tomada por afecções tristes, estas reduzem sua potência de agir no mundo, ao passo que as alegres aumentam tal potência. Ou seja, a base da energia vital e sua variação, para mais ou menos potente, está no próprio encontro e seus efeitos.

De início, precisamos entender as relações de encontros e potências que formam um território e uma sociedade, sendo os encontros produtores e construtores de processos. Somos atravessados por bons e maus encontros, que nos afetam de diferentes formas. Cada encontro promove uma marca subjetiva, que fica estabelecida no individual de cada um e promove constituições. Desse modo, cada ser humano é resultado dos diversos encontros que perpassam seu processo de existência.

Ademais, podemos ser atravessados por bons ou maus encontros, sendo o bom encontro algo que vai trazer potência e felicidade, enquanto o mau encontro vai decompor e deprimir o

ser humano. Logo, de acordo com Spinoza, precisamos nos cercar de bons encontros, tomados por desejos que preencham a existência, elevando a potência ao ápice, buscar o desejo como possibilidade de fluidez da felicidade, beneficiando o nosso ser e fortalecendo a vida (FERREIRA, 2009).

De acordo com Nunes e Landim (2016), a felicidade é apresentada como uma ideia ética e não um sentimento, uma realização intencional e racional, que promove um conjunto de movimentos e articulações entre os corpos e elementos da sociedade. Assim, discorrem-se os panoramas quanto à felicidade dentro das estratégias de cuidado, mediante formas de agenciamentos com comunidades e pessoas, para auxiliar na busca pela felicidade, considerando os meios de vida e suas abrangências, prevenindo doenças e promovendo saúde.

A significação do sofrimento se encaixa como um ponto importante nesse caminho, não apenas visando o controle de sintomas, mas, como citam Nunes e Landim (2016), indicando a necessidade de reconhecer as múltiplas dimensões das pessoas para compreender a dinâmica que gera sofrimento, passando do planejamento para a atuação nessas dimensões para promover a felicidade.

Se pensarmos o sofrimento e a felicidade dentro das Redes de Atenção Psicossocial (RAPS), propõem-se o esquema de estratégias de cuidado, visando a singularidade de cada sujeito, como também o seu contexto sociocultural, pretendendo aumentar a autonomia e a solidariedade social. Para isso, é preciso mover as instituições, sensibilizando-as e capacitando-as para que não haja a neutralização e naturalização das condições desiguais, que são históricas, exercendo a assistência sobre os direitos e não sobre os corpos de cada ser humano.

Ademais, é preciso ultrapassar diversas barreiras, sendo elas reducionistas e meritocráticas, que suprimem o indivíduo. Há carência por novas práticas em saúde que incluam a concordância com diversas esferas da vida. Assim, o sofrimento se apresenta como um esforço muito tortuoso para manter a coerência da vida, quando as mediações já não se apresentam com efetividade para preservar a uniformidade. Então, o indivíduo passa a entrar em um estado de decomposição, enrijecendo seus relacionamentos (NUNES; LANDIM, 2016).

O sofrimento é singular, pois em cada ser as emoções que são percebidas em seu corpo são conhecimentos adquiridos e produzidos pela sociedade e seus vários contextos, mas causam atravessamentos únicos, considerando fatores qualitativos de intensidade e velocidade. Deste modo, o sofrimento não pode ser generalizado, não podem ser os mesmos em todas as esferas de vida, tendo em vista que não somos um script com perfil e emoções definidas a priori. Com isso, é preciso avaliar cada caso e as suas implicações para aquela pessoa, naquele

modo de existência. Deste modo compreendemos os efeitos na totalidade quando se diz respeito às mudanças de cartografia e configuração daquela pessoa. (NUNES; LANDIM, 2016). Dessa forma, Franco (2015, p. 104) nos fala:

As experiências atravessam a pessoa, instituem formas específicas de significar a realidade na qual está inserida. Podemos assim imaginar que os múltiplos encontros que um trabalhador tem na produção da sua própria vida o modificam de forma sensível e contínua.

Esta proposição é coerente com a Organização Mundial da Saúde (2008), para a qual não há uma definição oficial para saúde mental, porém o termo está relacionado à capacidade do indivíduo em lidar com os desafios e exigências da vida. Ter saúde mental não significa estar bem o tempo todo, mas, sim, ter a capacidade de encontrar meios para superar as dificuldades e sofrimentos. A saúde mental tem, portanto, relação com o bem-estar biopsicossocial do indivíduo, sendo uma construção subjetiva e que pode variar de acordo com a cultura que a define.

2.3 Cartografia como método de pesquisa

A cartografia, método utilizado, de acordo com Kastrupp e Passos (2013), é uma prática de pesquisa e investigação, que consiste no mapeamento de um processo ou no plano de materialidade de um território, priorizando o coletivo e o compartilhamento de conhecimento, além de construir uma conexão, um entrelaçamento com o real, sendo um sistema aberto e não hierárquico.

Desse modo, a cartografia é um procedimento que conecta, agencia e compõe um mapeamento que produz a realidade e não apenas a representa. No contexto da cartografia, é preciso traçar um plano comum para realizar a pesquisa.

Ora, a cartografia pressupõe que o cartógrafo se deixe encharcar pelas vivências nos cenários os quais está observando, estudando, atuando, trabalhando, promove uma mistura de sujeito e objeto; abre seu corpo aos afetos possíveis que os encontros proporcionam; procura captar o movimento, processos, formas de produção da vida e a vida em produção (PASSOS, KASTRUPP; ESCÓSSIA, 2009, p. 45).

Como método de pesquisa, a cartografia pressupõe que o cartógrafo permita ser afetado pelas vivências nos cenários que está observando, estudando, atuando, trabalhando. Este método promove uma mistura de sujeito e objeto, abre seu corpo aos afetos possíveis que os encontros proporcionam e procura captar o movimento, processos, formas de produção da vida e a vida em produção (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009).

Compreender a lógica que envolve as forças é fundamental para a cartografia das relações sociais, as quais estão sempre em movimento, operando em um território, em constante conflito com outras forças, produzindo distintos efeitos, sendo a unidade básica de todos os processos (HUR, 2018).

O ato de conhecer a realidade faz parte do processo de transformá-la. Há uma inseparabilidade entre os termos de conhecer e fazer. Logo, a pesquisa cartográfica requer disponibilidade para o desconhecido, abrindo-se para as possibilidades do ser. Portanto, o cartógrafo deve acompanhar os processos de força, que não são estáticos e estão em movimento, o qual compõe o plano ontológico (POZZANA, 2013).

A transversalidade se torna uma diretriz metodológica adotada pelo cartógrafo ao investigar os espaços que o sujeito habita. Para se apropriar do entendimento de uma realidade, o cartógrafo deve se atentar aos modos de vida do sujeito, pois, a partir deles, a realidade vai se construindo, e nessa rede de articulação todos estamos inseridos. A cartografia, como método de pesquisa-intervenção, considera que o conhecimento é produzido em um campo de implicações cruzadas, necessariamente determinado neste jogo de forças, valores, interesses, expectativas, compromissos, desejos, crenças etc. (KASTRUP; PASSOS, 2013).

Tal método tende a colocar o cartógrafo diante de um território desconhecido. Sendo assim, a pesquisa cartográfica é sempre uma pesquisa-intervenção, com direção participativa e inclusiva, pois potencializa saberes até então excluídos, garante a legitimidade e a importância da perspectiva do objeto. A cartografia não pressupõe métodos previamente estabelecidos, nem objetivos e conclusões precipitadas. Contudo, não significa que a cartografia não tenha um direcionamento. A diretriz metodológica desse modelo considera os efeitos do processo do pesquisar sobre as colaboradoras da pesquisa, o pesquisador e seus resultados (KASTRUP; PASSOS, 2013).

Os procedimentos utilizados pelo cartógrafo na pesquisa podem causar frustrações e dificuldades. Caso aplicados sem cautela, reforçam possibilidades de desapontamentos durante o processo (SADE; FERRAZ; ROCHA, 2013). Cartografar é deglutir os conceitos com os quais nos alimentamos e devolvê-los modificados aos cenários em que se está trabalhando na gestão do cuidado. Esta é a função antropófaga do cartógrafo, o responsável por realizar a

pesquisa (ROLNIK, 1987). O cartógrafo e o mundo do cuidado se misturam de tal forma que parecem um só corpo, em permanente movimento.

Levando isso em conta, esta pesquisa propõe o estudo da realidade destas mulheres que vivem em um bairro periférico de Francisco Beltrão - Paraná. Esta pesquisa foi submetida ao Conselho de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. E operacionalizada com a participação de cinco mulheres escolhidas por conveniência pois no momento do convite, estavam na Estratégia de Saúde da Família (ESF) do bairro em que residem, na referida cidade, e foram convidadas a participar da pesquisa de acordo com as suas disposições e interesses, optando por envolver-se ou não.

Como já mencionado, a pesquisa teve como método a cartografia, que objetivou mapear as intensidades das mulheres participantes e o local em que elas residem, além de buscar entender como arranjam seus corpos, como constituem seus relacionamentos e encontram possibilidades de produção de felicidade, pelos laços de solidariedade e bons encontros. O mapeamento estabelece intensidades afetivas, a observação do espaço em que vivem e a abertura para o encontro narrativo com as histórias de vida que aconteceram no território domiciliar, visando uma aproximação de acordo com o objetivo deste estudo.

3. Discussões dos resultados

3.1 Vidas que se encontram

Foram realizadas cartografias de cinco mulheres em seus domicílios e territórios existenciais, todas residentes em um bairro da periferia de um município de médio porte no Paraná, de faixas etárias que variam de 17 a 70 anos. As mulheres entrevistadas serão apresentadas com nomes fictícios.

Lia é uma mulher negra, tem 35 anos e se autointitula “amasiada”, tem seis filhos e reside em uma casa com três deles, o marido e uma irmã. Ao chegarmos, fomos muito bem recebidas por Lia e sua irmã, que precisou segurar o cachorro da família para podermos entrar. A casa possui muros altos e um portão de ferro. Sentamos em uma área que já estava com cadeiras dispostas para receber pessoas. A participante encontra a felicidade pela fé em Deus e no amor a seus filhos.

Ana é uma mulher parda, tem 50 anos e está afastada do trabalho por problemas de saúde. Tem três filhos, dos quais dois moram com ela e o atual marido. A outra filha já é casada e possui filhos. Ana foi receptiva e nos convidou para entrar em sua casa. O ambiente era organizado, mas ela insistiu que nossos calçados não fossem retirados para não sujarmos as meias e não pegarmos “friagem”. Ana encontra felicidade em seus filhos, netos e em sua fé em servir a Deus.

Bruna é uma mulher branca, tem 55 anos e fala pouco de seu passado devido às memórias lhe causarem dor. Não tem filhos, porém exerce sua maternagem com os gatos. Só ao final da entrevista mencionou que está casada há 20 anos. A sua casa é colorida e possui muitas plantas, remetendo a um espaço feliz, o qual é cuidado por ela com muita dedicação. Ao chegarmos, fomos bem recebidas e convidadas para entrar e sentar em um espaço que integra a sala e a cozinha. O ambiente era repleto de objetos de decoração dispostos sobre a mesa e balcões, de forma organizada. Bruna encontra sua felicidade em ajudar os outros.

Karoline é uma mulher branca, tem 17 anos e mora sozinha com seu filho de um ano. Estava divorciada, mas o relacionamento foi reatado recentemente. Karoline nos recebeu com muito afeto e nos convidou para entrar em sua casa. O espaço era grande, porém não continha muitos móveis, sendo preenchido por algumas roupas e brinquedos que estavam espalhados pelo chão. Karoline se desculpou pela bagunça e comentou que, anteriormente, estava tentando realizar uma faxina. Segundo Karoline, sua felicidade se dá a partir da existência do filho.

Cecília é uma mulher negra, tem 65 anos e atualmente é viúva. Criou três filhos e seis netas. Uma de suas netas ainda mora com ela. Cecília nos recebeu com muita simpatia e nos convidou para sentar em sua área, um espaço pequeno, mas que dispunha de muitas cadeiras que se encontravam em cima de uma mesa. Sua casa é colorida e limpa. Antes da entrevista iniciar, Cecília perguntou se iria demorar, porque precisava acabar de lavar as roupas. Após o início da entrevista, dona Cecília se estendeu por mais de uma hora relatando sua história de vida. Sua felicidade se encontra em princípios que regem a sua fé.

A história dessas mulheres, seus enfrentamentos e pontos de resistência convergem a partir da experiência da maternidade. Por meio dos engendramentos políticos, sociais, econômicos e de gênero, a mulher passou a ser responsável pelo ambiente doméstico e intrafamiliar. É neste espaço doméstico que as narrativas sobre o sofrimento humano se estabelecem em diversos modos de encontros. Encontros com a vida material, bons e maus encontros, que alteram o curso existencial e promovem diferentes constituições, sendo capazes de se entrelaçar e se corporificar a partir do outro, seja por idealizações materiais ou mesmo por expectativas amorosas e familiares.

A história de vida e as experiências se vinculam quando o maior fator apontado como a causa de sofrimento tem relação com abandonos afetivos e de seus territórios de existência: *“Aí meu esposo foi embora, deixou nós, né? Me deixou, eu com dois filhos. E eu terminei de criar meus filhos sozinha. Tive bastante ajuda dos outros. Foi muito sofrido criar meus filhos sozinha.”* (ENTREVISTADA ANA).

A maioria dessas mulheres se vê criando seus filhos sozinhas, desse modo, a desresponsabilização paterna, não se configura apenas como violação de direitos, mas permeia, também, relações sociais, que são tecidas de maneiras que não correspondem às normas sociais.

Segundo Hur (2018), o coeficiente de territorialização é um índice que traz o potencial de agência e afecção com outros corpos. Assim, cada corpo ou elemento químico possui um potencial de ação, o qual depende das forças do exterior e do seu próprio potencial de forças. As situações vividas pelas mulheres descritas na cartografia demonstram um menor grau de territorialização, pois uma série de questões objetivas da vida delas se alteram constantemente, questões que são criadas no decorrer da vida, que fogem do seu controle e são provocadas por situações externas. Dessa forma, elas precisam se adaptar com grande intensidade a esse menor grau de territorialização. A partir disso, tentam se reconfigurar mediante às dificuldades que aparecem e ao abandono afetivo: *“É... fomos criados pela minha vó também, é aconteceu um desacerto com o meu pai e minha mãe quando eu tinha seis para sete anos e minha mãe acabou de ir embora e nós fomos criados pela minha avó materna né... é...”* (ENTREVISTADA LIA)

Ademais, as afecções e experiências de abandonos familiares produziram nessas mulheres o que Espinosa se refere como “traços de corpo exterior”, os quais vieram à tona no discurso das entrevistadas.

Um desses discursos, que traz memórias que imprimem sofrimento, é o de Cecília, que há 58 anos experienciava a dor do trabalho infantil e a quebra de vínculo com a família de origem, o que resultou em 12 anos de trabalho infantil, em situação análoga à escravidão: *“Eu fui morar com a minha madrasta, que assim, a minha mãe ponho lá, pra mim cuidar das crianças, e pra mim pegar o que comer lá, comer arroz, feijão, carne quando eles carnearam. Foi assim, uma coisa tão terrível, que você pegava e eu fiquei com eles, eles não deixavam eu nem perguntar para que lado era a cidade onde minha mãe estava. É que eu fui pra trabalhar, fica balanceando essa criança pra dá o sustento pra mãe. Mas aí como eu fui embora, eu tive que ficar como filha daí”*: (ENTREVISTADA CECÍLIA)

Ao se referir ao modo como era tratada, em comparação com os demais filhos, Cecília diz: *“Não, nunca! Eu era, meu Deus, eu só comia depois que eles comiam. Se o café também,*

depois que dava café pra todos os filhos dela. O almoço, depois que eles almoçavam. Ela pegava, daí tinha aqueles preguinho, ela adorava me furar pra sair sangue de mim. Eu tenho na cabeça, brecha assim, que as vezes o cabelo eu não conseguia pentear, porque é crespo....Embolava que ficava assim, eu ia lá para a banda do chiqueirão, pegava uma tesoura e ia cortando. Porque daí dentro do cabelo, tava assim ó, grosso de inflamação, daí eu lavava com remédio caseiro.

Dos sete aos 18 anos ela esteve afastada da família de origem com o intuito de trabalhar. Durante esse período, foi privada do contato com a família, de gozar dos direitos e benefícios que as outras crianças da residência tinham, bem como desprovida de qualquer remuneração.

Quando indagada sobre a saída dessa situação, descobrimos que Cecília só conseguiu se desvincular dessa família ao casar. O trabalho em que Cecília estava se configurou como trabalho infantil.

Malgrado as diversas denominações, qualquer trabalho que não reúna as mínimas condições necessárias para garantir os direitos do trabalhador, ou seja, cerceie sua liberdade, avilte a sua dignidade, sujeite-o a condições degradantes, inclusive em relação ao meio ambiente de trabalho, há que ser considerado trabalho em condição análoga à de escravo. A degradação mencionada vai desde o constrangimento físico e/ou moral a que é submetido o trabalhador – seja na deturpação das formas de contratação e do consentimento do trabalhador ao celebrar o vínculo, seja na impossibilidade desse trabalhador de extinguir o vínculo conforme sua vontade, no momento e pelas razões que entender apropriadas (BRASIL, 2011, p. 12).

O rompimento do vínculo com essa família só foi possível por conta de um edido de casamento, que recebeu de seu finado marido. Tal pedido teve como consequência à Cecília o martírio físico: *“Já são ruim pra mim, vá você lá e fale, e assim mesmo, eu tomei uma tunda, que a noite inteira queimava, onde eles cortaram com fio..Com fio, queimava que nem fogo, que daí, eles achavam que eu tinha mandado ele lá. E não, ele falou que me gostava assim, na porta da igreja, tudo nois saindo com a meninada.” (ENTREVISTADA CECÍLIA)*

Ao relatar muito esses sofrimentos, algumas mulheres dizem que o passado tem que deixar para trás, apresentando dificuldade até mesmo para relatar essas histórias. Todavia, outras conseguem elaborar o que foi esse sofrimento, o que vivenciaram e vivenciam em suas histórias.

3.2 A maternidade

As normas de conduta exigida das mulheres em detrimento dos homens compele a estas uma desresponsabilização na criação dos filhos, gerando, assim, um aumento das obrigações femininas, que além de cuidar de si e de sua carreira profissional, passa a ser fulcral na execução do cuidado a sua família e filhos. (ZANELLO; PORTO, 2016): “*Quando minha mãe e meu pai se separaram, a gente ficou sozinha, eu e ela né. Eu tive que aprender a viver, porque eu tinha tudo na vida, e não sabia trabalhar, não sabia mesmo ele deixou nois sem nada, sem nada, sem nada. Nem comida nós não tínhamos, até fome nós passamos. Eu já passei fome, eu já passei necessidade de tudo na vida. Não tem o que não passei.*” (ENTREVISTADA BRUNA).

Esse processo de desterritorialização atravessa o dispositivo da maternidade que cada uma delas vive, mesmo diante de perdas matrimoniais, mudanças, perda de contato com a família. A maternidade passa a ser uma constante entre elas, ou seja, continua como um compromisso a ser exercido. Os encontros e desencontros da vida criam memórias e afecções sobre o corpo.

Quando uma parte fluida do corpo humano é determinada, por um corpo exterior, a se chocar, um grande número de vezes, com uma parte mole, a parte fluida modifica a superfície da parte mole, e nela imprime como que traços do corpo exterior que a impele (ESPINOSA, s.d., p. 36).

Para discutirmos o sofrimento destas mulheres atrelado às condições da maternagem, é necessário frisar o conceito de “dispositivo da maternidade”, proposto por Foucault. O dispositivo favorece a disciplina dos corpos, adestramento, intensificação/distribuição das forças e ajustamento/economia de energias, fazendo com que haja regulação das populações, controles constantes, ordenações espaciais e exames médicos/psicológicos (FOUCAULT, 1993).

O dispositivo da maternidade traz uma reflexão crítica acerca de questões sociais que recaem sobre a subjetividade da mulher, no dever feminino de ocupar esse papel de cuidadora “nata”, um lugar que lhe é dedicado desde o seu nascimento, sendo esse lugar naturalizado e instintivo, assim como o dever de dedicar sua vida aos filhos, abdicar de sua identidade como mulher para dedicar-se exclusivamente aos filhos e à vida doméstica.

Na pesquisa, percebemos que a produção de felicidade está relacionada à criação dos filhos, como exemplo de fala: “*Deus me deu a graça de ficar com meus filhos, né? Porque meu Deus, meus filhos é tudo de bom na minha vida.*” (ENTREVISTADA LIA).

Ao questionarmos quais as formas que elas utilizaram para seguir a vida e continuar superando as dificuldades e o sofrimento, as respostas se deram em torno de seguir em frente, de deixar o passado no passado. A maioria delas utilizou da maternidade como uma forma de força, ao ver a necessidade e o amor em criar os filhos independentemente das dificuldades presentes.

Outros posicionamentos que surgiram foram relacionados à força encontrada por elas na religião como algo que as trouxe conforto, com a qual elas encontraram possibilidades de vínculos e afetos. Assim, podemos ver a lógica de Espinosa, em que a maternidade e a religião para essas mulheres foram bons encontros. O desejo estava presente e, por consequência, a potência de vida foi elevada. A felicidade foi novamente uma possibilidade presente.

A partir dos resultados obtidos nesta pesquisa, encontramos um perfil de mulheres que percebem e entendem a felicidade intimamente ligada à maternidade. A maternidade, quando bem-sucedida, produz felicidade e satisfação. Segundo Kehl (2007, p. 261):

Maternidade e casamento significariam uma espécie de ponto de chegada para a mulher, a partir do qual nada mais é esperado dela, nem no plano erótico nem no sublime; no erótico é como se a feminilidade não tivesse qualquer outra função depois de ter cumprido seu único objetivo, a conquista de um homem que lhe desse filhos.

A maternidade ainda vem sofrendo modificações ligadas ao seu conceito e ocupando novos moldes. A partir do séc XVIII foi amplamente difundido o ideal de que boas mulheres seriam boas mães, que deviam abnegar seus afazeres para corresponder às vontades dos filhos e maridos. Logo, não desejar ter filhos ou amá-los tornou-se algo inconcebível. A desigualdade entre homens e mulheres vem sendo usada para justificar diferenças e preconceitos impostos pelo patriarcado, pela igreja e por pseudociências que afirmam que essa é a “ordem natural”, e que desconstruir esses conceitos exigiria uma reorganização da sociedade e da família.

A execução da maternidade desvinculada do padrão socialmente esperado é um gerador de medo, frustração, sofrimento e arrependimento, como podemos perceber na fala da entrevistada Lia: *“Sofro também porque eu me arrependo muito de não ter cuidado dos outros 3, no dia de hoje eu me arrependo muito, eu penso assim, como que eu fui fazer isso? Já pedi perdão várias vezes para os meus filhos né, era muito nova né, fiz filho muito cedo então acabei que assim, não tinha não pensava como agora né, então isso para mim se torna um sofrimento, entendeu?”*.

Segundo Lauretis (1994), o dispositivo amoroso é um conjunto de práticas, discursos e representações que constroem o feminino enquanto ser dotado de um destino biológico pronto para ser sacrificado, assujeitado e violentado por amor a outrem. Trata-se de representações que orientam, determinam, capturam, modelam e conduzem os sentimentos, as emoções, os corpos, as condutas, as opiniões, as subjetividades e as relações de gênero dentro de uma lógica de gênero binária e hierárquica, baseada na heterossexualidade normativa e na inferiorização e subjugação das mulheres pelos homens.

Este dispositivo, juntamente com o dispositivo amoroso, forma a subjetividade e os moldes de vida femininos e chega até nós por instituições como escola, família, igreja, arte etc. A pesquisa demonstrou que o sofrimento destas mulheres também está ligado à lógica do dispositivo amoroso, como no caso da entrevistada Ana, que foi “deixada” por seu marido e entrou em depressão por ter ficado só e com os filhos para cuidar. O dispositivo amoroso dispõe que as mulheres necessitam estar com homens, desprendendo-se de si mesmas, favorecendo, assim, um assujeitamento aos homens.

3.3 A felicidade, a fé e a produção de vida

Spinoza pressupõe que a felicidade é o objetivo fundamental do seu pensamento. Logo, o desejo de uma alegria contínua é estável, possibilitando a construção de uma felicidade. Implicitamente, a felicidade para Karoline e outras entrevistadas passa a estar atrelada intimamente com a existência dos filhos, que quando indagada sobre o que era felicidade, respondeu: *“Ah, é o nenê. É baseada no nenê a felicidade. Que quando ele está perto de mim eu esqueço todos os problemas do mundo, porque eu foco nele. Ele me traz felicidade. Que o sorriso dele me deixa feliz e calma.”* (ENTREVISTADA KAROLINE).

A maternagem, quando bem-sucedida, é um fator potencializador de sentimentos como o amor, afeto e gratidão, que possibilitam uma vida plena, alegre e de composição. Por outro lado, os homens são desresponsabilizados de suas atividades domésticas e o cuidado dos filhos se tornou uma responsabilidade exclusivamente feminina, de modo que a “vocaçãõ materna” é um instinto que os homens não possuem. Tal noção patriarcal contribuiu para a visão romântica da maternidade que muitas mulheres têm como a razão de seu ser.

A pesquisa revelou também que o sofrimento está atrelado às condições financeiras, de não conseguir dar sustento aos filhos, ou seja, da ausência de recursos, como exemplo de fala:

“Ah sofrimento para mim é assim você ver teu filho pedir alguma coisa e a gente não ter condição de então para mim isso é né faz a gente sofrer.” (ENTREVISTADA KAROLINE).

A ideia de felicidade para estas mulheres está relacionada ao fato de possuírem o mínimo possível para a sobrevivência. Sobretudo, idealizam uma vida feliz a partir dos recursos essenciais que possam trazer condições básicas para suas famílias, como a alimentação, ou dinheiro suficiente para pagar as contas do mês, submetendo-se à lógica da axiomática do capital (HUR, 2018), mecanismo de operação social que mobiliza a incessante produção em massa.

Com o avanço do capitalismo neoliberal, houve uma mudança nas formas de controle que incidem e operam sobre os corpos da população e atuam no controle dos desejos, hábitos e vontades de ser (HUR, 2018). Em concordância, as tecnologias midiáticas são pensadas para moldar a produção de subjetividade das pessoas por meios de controle menos escancarados, porém com a mesma eficácia regulatória, como os filmes, seriados, músicas etc.

Outro discurso que ficou evidenciado como fator produtor de felicidade na vida dessas mulheres é a religiosidade: *“A eu tenho muita fé em Deus né eu assim tipo assim que nem agora faz duas semanas que eu to fazendo uma campanha com o meu celular com o profeta né então assim eu para mim o que gera felicidade é eu poder acordar cedo e obrigado senhor por mais um dia entendeu?” (ENTREVISTADA LIA).*

A religião, no caso dessas mulheres, não se configura apenas como apreço cultural por alguma instituição em específico: *“A sempre em Deus, né? Eu sempre fui muito tipo assim eu não sou de ta direto dentro da igreja, entendeu? eu assim mas eu sempre desde criança tenho muita fé tive e tenho muita fé em Deus e eu sempre sou de conversar com Deus.” (ENTREVISTADA LIA).*

Pelo contrário, a religião ocupa um espaço de criação de vínculo, solidariedade e conforto. Gebara (2000) se refere à religião como algo profundamente feminino, quase matricêntrico, que é a preocupação com o bem-estar das pessoas e a superação do sofrimento: *“Aí me dá força de novo, para prosseguir, porque todo dia a gente tem que estar buscando para ser forte, porque é tudo complicado, nesse tempo que nós vivemos. Você vê a política, tudo que é coisa, é tudo difícil, né?” (ENTREVISTADA ANA).* Ambientes religiosos também se constituem “como espaços sociais complexos, portadores de contradições, que não funcionam sempre em todas as sociedades como forças conservadoras.” (ROSADO, 2001, p. 09).

Com isso, a religião passa a ter um papel fundamental no estabelecimento das relações dessas mulheres no mundo, que passam a enxergar a fé em seu Deus como elemento primordial

nas expressões de sua vida cotidiana. Quando Cecília recebeu o convite para participar da pesquisa, uma das perguntas foi se seria muito demorada, visto que ela tinha um compromisso de reunião de oração com outras amigas. A conclusão da entrevista se deu também a partir disso: “*Querida do céu, eu tinha que tá lá às 16:30.*” (ENTREVISTADA CECÍLIA).

A partir disso, as relações com todas as demais demandas da vida são vistas por meio destas primas, inclusive a execução da maternagem. Gebara (2000) relaciona isso com a sensação de familiaridade que a religião produz, ou seja, a forma como os princípios regedores de afeto e proteção também podem ser evidenciados: “*É as pequenas coisas, hoje meu bebê, o Brian, fez oração cedo junto comigo então isso aí deixa muito feliz, entendeu? Felicidade para mim é meus filhos e meus netos. (INAUDÍVEL) E servir a Deus, eu também sirvo a Deus, vou na igreja, né? Eles também vão.*” (ENTREVISTADA CECÍLIA).

4 Considerações finais

Este trabalho buscou cartografar a realidade de mulheres em situação de vulnerabilidade social, o sofrimento e a produção de felicidade, bem como conhecer seus modos de vida. A partir da narrativa dessas mulheres, foi possível refletir sobre seus sofrimentos e modos de existência.

Ainda hoje é evidente a importância que a maternagem e a religiosidade exercem sobre a constituição do ser mulher, bem como as implicações no âmago do que se entende como essencial em sua existência, vínculos que estabelecem em todas as demais relações.

Ao fim de algumas entrevistas, eram comuns comentários como “me recordei da minha avó durante essa entrevista”, “Minha mãe passou por algo parecido”, “Ela parecia as irmãs do meu avô”, neste cruzamento de mapas entre mulheres que pesquisam e mulheres que narram suas vidas, histórias recorrentes entre mulheres que nos mobilizam sentimentos de familiaridade, nutridos entre todas as integrantes do grupo, tornando estas nossas histórias também.

Apesar do grupo de entrevistadoras e das entrevistadas não possuírem nenhum laço consanguíneo, nenhum contato anterior ao início da pesquisa, havia um sentimento de familiaridade, que era despertado por uma conexão afetiva que surgia durante as entrevistas.

Observamos que esse sentimento de familiaridade vem à tona a partir do reconhecimento de mulheres dentro do seio familiar, que carregam vivências e entrecos similares.

Histórias como as das mulheres citadas aqui são narrações que se encontram com experiências de vidas de nossas vizinhas, tias, mães, avós e bisavós. São relatos que, infelizmente, na vida social da mulher brasileira, ainda são recorrentes.

Diante disso, existe uma importante ressalva a ser feita. As histórias de Gabriela, Lenuzia e Renata são histórias que têm sido construídas em virtude de Lias Anas, Brunas, Karolines e Cecílias, que possibilitaram, a partir delas, outros modos de vida, visto que os processos que nos constituem são coletivos.

A história de vida dessas mulheres perpassa sobre as nossas histórias, mesmo parecendo uma realidade social distante da que experimentamos, é parte da nossa constituição enquanto mulheres brasileiras. Hoje podemos ser mulheres cada vez mais potentes, que têm o direito de estudar, buscar justiça e escolher o que realmente desejamos para a vida, devido às grandes lutas sociais e resistência daquelas que vieram antes de nós. Essa pesquisa cartográfica só foi possível pelos milhares de Lias, Anas, Brunas, Karolines e Cecílias que, diante de tantos maus encontros e violações, encontraram meios de seguir fortes.

Por fim, agradecemos a todas as mulheres que tornaram essa pesquisa possível, com suas histórias, para que pudéssemos construir outros futuros.

REFERÊNCIAS

BARUS, Michel. Sofrimentos, trajetos, recursos, dimensões psicossociais do sofrimento humano. **Bulletin de Psychologie**, v. 54, n. 452, p. 17-40, abr. 2001. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100004. Acesso em: 01 mar. 2023.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESIDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. 7, n. 2, p. 451-478, set. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v7n2/12.pdf>. Acesso em: 08 set. 2022.

BRASIL. **Manual de Combate ao Trabalho em Condições Análogas às de Escravo**. Brasília: MTE, 2011.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DOSSE, François. **Gilles Deleuze & Félix Guattari Biografia Cruzada**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DUTRA, Elza; REBOUÇAS, Melina Séfora Souza. Plantão Psicológico: Uma prática Clínica da Contemporaneidade. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 16, n. 1, p. 19-28, jan./jul. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v16n1/v16n1a04.pdf>. Acesso em: 08 set. 2022.

ESPINOSA, Bento de. **Ética**: demonstrada a maneira dos geômetras. Coimbra: Atlantida, s.d.

FERREIRA, Amauri. **À Filosofia de Spinoza**. São Paulo: Estante Editorial, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FRANCO, Túlio Batista. Trabalho criativo e cuidado em saúde: um debate a partir dos conceitos de servidão e liberdade. **Revista Saúde e Sociedade**, v. 24, supl. 1, p. 102-114, abr./jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/KsrVpBX3KGv3WZvQj6xXH5N/?lang=pt#>. Acesso em: 09 set. 2022.

GEBARA, Ivone. **A mobilidade da Senzala Feminina, mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo**. São Paulo: Edições Paulinas, 2000.

HUR, Domenico Uhng. Esquizoanálise e política: proposições para a Psicologia crítica no Brasil. **Teoría y Crítica de la Psicología**, n. 3, p. 264-280, 2013. Disponível em: <http://www.teocripsi.com/ojs/index.php/TCP/article/view/111/95>. Acesso em: 09 set. 2022.

HUR, Domenico Uhng. **Psicologia, política e Esquizoanálise**. Campinas: Alínea, 2018.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 263-280, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/nBpkNsJc6DrmsTtMxfRCZWK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 set. 2022.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamento do Feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-241.

NUNES, Mônica; LANDIM, Fátima Luna Pinheiro. **Saúde mental e atenção básica**: política e cotidiano. Salvador: Edufba, 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Constituição da Organização Mundial da Saúde**. Rio de Janeiro, 2008.

PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do Método de Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Saraiva, 2009.

POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 323-338, maio/ago. 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/fractal/a/KqsStJnY3bfNNTXJsXwLzwd/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 08 set. 2022.

ROLNIK, Suely Belinha. **Cartografia sentimental da América**: produção do desejo na era da cultura industrial. 1987. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1987. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17333>. Acesso em: 09 set. 2022.

ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. **Cadernos Pagu**, n. 16, p.79-96, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/YnYKS3QPKG5YhdjXbzWnhdw/?lang=pt>. Acesso em: 09 set. 2022.

SADE, Christian; FERRAZ, Gustavo Cruz; ROCHA, Jerusa Machado. O ethos da confiança na pesquisa cartográfica: experiência compartilhada e aumento da potência de agir. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 281-298, ago. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/pm6rLHrJTTbbFk7fPXnTZ7F/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 09 set. 2022.

STEVENS, Cristina; *et al.* **Mulheres e violências**: interseccionalidades. Brasília: Technopolitik, 2017.

ZANELLO, Valeska; PORTO, Madge. **Aborto e (não) desejo de maternidade(s)**: questões para a Psicologia. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016.

ⁱ Acadêmica do curso de Psicologia da Unipar - Campus de Francisco Beltrão, Paraná. Email: gabrielabrito18@hotmail.com

ⁱⁱ Acadêmica do curso de Psicologia da Unipar - Campus de Francisco Beltrão, Paraná. Email: lenuziapasqualli@hotmail.com

ⁱⁱⁱ Professora Adjunta do curso de Psicologia e coordenadora da especialização em Esquizoanálise e pós-estruturalismo: (inter)visões psicossociais da UNIPAR Francisco Beltrão. Professora do curso de Medicina da UNIOESTE Francisco Beltrão. Psicóloga e Mestre em Educação pela UNICENTRO, Doutora em Psicologia pela UNESP/Assis.

^{iv} Acadêmica do curso de Psicologia da Unipar - Campus de Francisco Beltrão, Paraná. Email: renata.cunha@edu.unipar.br